

DF - Hospital

3 DEZ 1986

CORREIO BRAZILIENSE

HRC fica sem limpeza

Desde ontem o Hospital Regional da Ceilândia e mais 10 postos de saúde estão com suas atividades prejudicadas. Como no Gamma, na semana passada, os empregados da limpeza ontem resolveram cruzar os braços em busca de melhores salários e condições de trabalho. Enquanto os grevistas se mobilizavam do lado de fora e o mau cheiro e sujeira dominavam o interior do Hospital, o gerente da empresa prestadora de serviços de limpeza, a Clean Master, Raimundo Nonato, afirmava que, das 10 cláusulas da pauta de reivindicações, apenas três não poderiam ser cumpridas. No entanto, são exatamente esses três pontos que mais interessam aos serventes.

Salário bruto mensal de Cz\$ 820,00, os cerca de 300 empregados em greve reivindicam aumento de 100 por cento, 40 por cento de insalubridade, vale-transporte, estabilidade no emprego, mudança na escala de férias e folga de final de semana e feriado, adicional noturno, dentre outros itens. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Limpeza e Vigilantes, José Machado Filho, na reunião que teve no início da tarde de ontem com o gerente da empresa

Clean Master, ficou garantida a estabilidade de 190 dias no emprego, mudança na escala de férias, eleição direta para encarregado da limpeza e outros pontos. Ele estava otimista quanto a possibilidade de serem atendidas as cláusulas de ordem econômica afirmando que "sem melhores salários os trabalhadores não têm condições de continuar no serviço", e que a greve só iria acabar quando essas fossem atendidas:

Preocupado com a sujeira que de tarde já era impossível de ser contornada no Hospital, o diretor do HRC, Julival Ribeiro, participou da reunião entre o sindicato e a empresa apenas para alertar quanto à necessidade de garantir a limpeza de ao menos os setores mais críticos como emergência, maternidade, centro cirúrgico. "Exigimos tanto da firma quanto do sindicato que garantam a higiene mínima", revelou o diretor, acrescentando que nem a direção do Hospital nem a Fundação Hospitalar podem responsabilizar-se pela greve que envolve uma outra empresa.

Segundo o diretor do Hospital, os recursos dispensados para pagar a firma prestadora de serviços variam com os meses e que o

Clean Master tem obrigação de manter a limpeza. "Seria ilegal que serviços essenciais parassem", alertou. Rebatendo a acusação dos empregados em greve de que o Hospital não fornece material necessário para limpeza e de que em alguns setores importantes usam apenas "água, sabão e pano", Julival Ribeiro, também presidente da Comissão de Infecção Hospitalar do HRC, afirmou que é mantido ali um ótimo padrão de higiene e que o material de limpeza é geralmente usado até com abuso.

Ontem, porém, esse "ótimo" padrão de higiene foi por água abaixo. O piso claro do hospital foi coberto por poeira, papéis, marcas de sapato, sangue e até urina. Andando pelos corredores, a repórter do CORREIO BRAZILIENSE deparou com um médico do centro cirúrgico que, mesmo longe da mesa de operações, preferiu não tirar a máscara que cobria seu nariz e boca. "Estou com um problema na garganta; para evitar contaminação e disfarçar o mau cheiro é melhor ficar com a máscara", disse ele, transtornado em trabalhar no que considerava quase um "chiqueiro".

A empresa responsável

pelos empregados em greve, Clean Master, anunciou que seria impossível conceder aumento de salário aos seus empregados, alegando que na convenção coletiva assinada em maio, com validade para um ano, está indicado que aumentos só seriam dados quando previstos em lei. "Já atendemos a maioria das reivindicações, e não podemos fazer mais que já fizemos", revelou o gerente da empresa, Raimundo Nonato.

Acrescentou ainda que já tem autorização da Secretaria de Saúde e mão de obra suficiente para providenciar substituição dos empregados. Ontem mesmo a empresa deslocou alguns empregados de outros setores para garantir o mínimo de limpeza no HRC.

Para garantir a entrada desses empregados no Hospital, a Polícia Militar foi mobilizada, inclusive com apoio de caminhão da tropa de choque. Segundo o capitão Anunciação, que comandava a operação, os policiais foram chamados apenas para garantir o direito ao trabalho dos empregados que quisessem.